

NÃO SABEMOS NADA SOBRE OS OUTROS

Saiu desanimada da reunião. Fazer uma viagem a São Paulo, para um encontro de trabalho de apenas 22 minutos, pareceu um desperdício. Relativizou a sensação, lembrando que era necessário obter aquelas informações, antes de tomar decisões profissionais sobre seu futuro próximo e seguiu, como sempre, movimentando o pensamento para pesar os prós e os contra que cada situação propiciava.

Entrou apressada no táxi, falou boa tarde, informou ao motorista que iria para o hotel na Avenida São Luís, apenas para pegar a mala e, em seguida, tomar o caminho do Aeroporto de Congonhas.

Imediatamente, pegou o telefone celular na bolsa e se assustou de ver que entraram várias mensagens de whatsapp outras tantas na caixa do gmail. Olhou pela janela e constatou que o trânsito estava péssimo, apesar de ser quarta feira e, ainda, 16h.

Resolveu afastar a agitação de si e deu início a um dos seus esportes preferidos – conversar com o motorista de táxi – e entabulou o papofazendo comentários genéricos sobre São Paulo: *“São Paulo está terrível. Cada vez mais gente, cada vez mais carros, cada vez mais difícil...”*

Ele retrucou, inclinando um pouco o rosto para mudar a posição em relação ao retrovisor, na direção de olhar para o rosto dela pelo espelho: *“Veja bem, minha jovem, São Paulo não pode parar não é mesmo?”* Ele tinha voz de locutor de rádio, uns 60 anos, e construía muito bem as frases, como ela podia ver, agora que ele desenvolvia a argumentação que sustentava sua tese central: *“São Paulo é mesmo uma maravilha de lugar para quem quer ter oportunidades, quer trabalhar e vencer na vida e isso faz com que cada vez mais pessoas venham para esta cidade”.*

Estava com sorte, ela pensou, afinal não é sempre que se enceta uma conversa com um motorista de táxi e que a linha de argumentação fazia sentido.

Resolveu perguntar onde ele morava e ficou sabendo que na Penha, mas não foi uma resposta assim simples – Penha – porque, de novo, inclinando o rosto para o retrovisor ele começou a explicar que, ainda, havia uma vida de bairro neste trecho da zona leste de São Paulo, onde seus filhos nasceram, brincaram nas ruas, frequentaram uma boa escola pública e, com o incentivo dos pais, ingressaram na Universidade. *“De excelente qualidade”*, frisava ele, com entusiasmo, e ela não teve coragem de contra-argumentar externando sua opinião de que a “Uni-algum complemento” não era lá grande coisa, afinal, ele próprio não acedera ao ensino superior e estava todo orgulhoso de que seus filhos tivessem chegado lá e desvalorizar esta conquista seria uma maldade.

Ela olhou novamente pela janela e achou a cidade mais pichada do que nunca, viu mais pessoas morando na rua, mais lixo espalhado e sentiu, assim, espelhada, com toda sua crueza, a alma da nossa sociedade tão plena de desigualdades.

Voltou a conversar com o motorista, perguntando se ele sentira a crise a que os jornais tanto se referem. Nova impositação de voz: *“Veja bem, minha jovem [como ele pode chamar de jovem, alguém que passou dos 60 anos?], a crise dos taxistas decorre mais da concorrência do Uber do que da falta de dinheiro, porque, cada vez mais gente precisa se deslocar na cidade”* e seguia ele desfiando exemplos dos tipos de atividades que se realizam na metrópole... Fez referência ao papel da cidade no mundo globalizado, alusão às feiras e congressos que ali ocorriam, aos “negócios que não param de ser fechados”, aos hotéis sempre lotados, ao tempo cada vez menor que as pessoas têm para fazer mil coisinhas ao mesmo tempo... Ela reforçou sua primeira impressão e concluiu que era mesmo um motorista sensato e perspicaz.

Os argumentos dele fizeram-na lembrar que precisava responder uma parte das mensagens que recebera, para que não se acumulassem com as outras tantas que chegaria até a manhã seguinte, quando já estaria na sua sala de trabalho na universidade.

Fez *downloads* para ler os anexos, hierarquizou os assuntos, priorizou as respostas mais urgentes, repassou um arquivo para uma editora, solicitando um orçamento relativo à publicação de um livro e seguiria em frente, buscando não perder tempo, mas de fato, gastando-o com coisinhas, quando ele tomou a iniciativa de perguntar se ela era empresária: *“Não, minha profissão é muito diferente deste mundo dos negócios – sou professora e pesquisadora”*. “Hum” retrucou ele, tentando imaginar, ela supôs, porque alguém com esta profissão tem tanta urgência e tantas coisas para fazer no computador. Ela sentiu um pouco de vergonha de ser identificada como *workaholic*, pois a esta altura, o *laptop* já estava aberto e ela passara a fazer a revisão de uma tese...

Voltou a puxar conversa com o motorista e ele filosofou sobre a diversidade de passageiros que leva em seu carro. Disse que gostava de observar as pessoas, alguns com manias [ela se perguntou o que ele teria constatado como uma mania sua], outros silenciosos demais, como se fosse perigoso conversar com motoristas, outros falantes [ela se incluiu neste subgrupo], com medo da metrópole, gente bonita, gente feia, alegre, mal humorada, bem vestida, deselegante...

Dando uma de sabida, ela constatou em silêncio, quanta sabedoria havia nas observações do senhor. Supôs que ele deve ter estudado, tido oportunidades de conviver com pessoas interessantes, que era um bom observador e deveria ser agradável, com sua conversa, nos almoços de família, aos domingos.

O pensamento dela voou, lembrou se seus próprios almoços de família, das opiniões sempre controversas sobre política, religião e futebol. Sentiu-se feliz de ter tido capacidade, com o tempo, de colocar tudo isso no segundo plano, sem polemizar demais, em favor de manter a oportunidade de novos encontros, sem as tensões e ressentimentos que emergiriam caso resolvesse argumentar em favor de suas posições, como fizera tantas vezes no passado.

Olhou pela janela e viu que já estava na Avenida Ruben Berta, defronte da área onde caíra o avião da TAM e hoje há um monumento aos mortos naquele acidente. Apressou-se em fechar o *laptop*, olhar no taxímetro para calcular o preço total da corrida, até o final, e retirar o dinheiro da carteira.

Ele aumentou o volume do rádio, para ouvir as últimas notícias, trazidas por jornalistas que, em Medellín, acompanhavam o resgate dos corpos dos vitimados no acidente que matou a quase totalidade dos jogadores de futebol do time da Chapecoense.

Ela retomou a conversa com um comentário banal, de tão óbvio que era: *“Gente tão jovem não merecia morrer!”*

Ele agora, ao invés de apenas olhá-la pelo retrovisor, voltou o pescoço para trás, fitou bem nos olhos dela, e com sua voz grave proferiu: *“Isso é só o começo da separação, minha jovem, e não foi um acaso, estava previsto”*.

Será que ele não escutara bem o que ela falara? Retomou a conversa, para se esclarecer perguntando, a que separação ele aludia. Novamente, já chegando ao estacionamento para desembarque em Congonhas, ele olhou para trás e com voz agora não apenas grave e firme, mas profética disse: *“É o começo da separação entre o joio e o trigo, entre os bons e os maus”*[seriam os jogadores os maus? perguntou-se ela], *entre quem merece o céu e quem merece o inferno, entre os que terão direito a construir um mundo novo e os que devem ser expurgados”*.

Ela não acreditava no que ouvia, depois de achar o motorista tão cheio de sabedoria, apressou-se mais do que o normal para pagar e pedir a ele que abrisse o porta malas. Ele entregou-lhe a valise pequena que portava e perguntou: *“Você, se não acredita no que estou falando, tome cuidado porque vão cair aviões, uns atrás dos outros, até todos os maus serem extirpados da face da terra”*.

Ela agradeceu com um sorriso amarelo, sem saber em que grupo ele a classificava, e sentiu-se aliviada quando a porta automática abriu-se e vislumbrou o chão em preto e branco de Congonhas, o mesmo que tanto lhe devolvia lembranças da infância.

Lembrou-se da conversa, ficou intrigada e constatou que, afinal, nunca chegamos, mesmo, a saber nada sobre os outros.

Carminha Beltrão

Dezembro de 2016.